

SEMINÁRIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE: PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO BRASIL COLONIAL*

Romário de Souza Lima**

Resumo: Este artigo é fruto de pesquisas desenvolvidas pelo “Projeto Memória” do Seminário São José da Arquidiocese de Mariana, em parceria com a Faculdade Dom Luciano Mendes. Será apresentado à esta instituição como Trabalho de Conclusão de Curso para a Pós-Graduação em História da Arte Sacra. Sua linha de pesquisa é Conservação e Patrimônio com ênfase na Região das Minas no Sudeste do Brasil, tendo como orientador o Pe. Edvaldo Antônio de Melo. O objeto desta pesquisa é o Patrimônio Histórico Artístico do Seminário Nossa Senhora da Boa Morte, antigas instalações do Seminário de Mariana. Este conjunto arquitetônico destaca-se como qualquer outro monumento antigo que compete com a beleza da arquitetura contemporânea. Esta pesquisa tomará por base principal a obra Breve Notícia do Seminário de Mariana produzida pelo Cônego Raimundo Trindade, a qual traz detalhes deste processo de implementação da ideia de Dom Frei Manoel da Cruz de fundar um educandário na região das Minas, o Seminário de Mariana.

Palavras-chave: Seminário Nossa Senhora da Boa Morte. Patrimônio Cultural. Conservação Patrimonial. Dom Frei Manoel da Cruz. Barroco.

Abstract: This article is the result of the research developed by the “Memory Project” of the Seminary Saint Joseph of the Archdiocese of Mariana, in partnership with the Dom Luciano Mendes College. It will be presented to this institution as a final paper for the Post-Graduate Course in History of Sacred Art. Its line of research is Conservation and Heritage with an emphasis on the Minas Region in Southeastern Brazil, with Fr. Edvaldo Antônio de Melo as advisor. The object of this research is the Historic Artistic Heritage of the Seminary Our Lady of the Good Death, former installations of Mariana’s Seminary. This architectural ensemble stands out like any other ancient monument that competes with the beauty of contemporary architecture. This research will be based on the work Breve Notícia do Seminário de Mariana, produced by Canon Raimundo Trindade, which brings details of the implementation of Mons. Manoel da Cruz’s idea of founding an educational institution in the region of Minas, the Mariana’s Seminary.

Keywords: Seminary Our Lady of the Good Death. Cultural Heritage. Heritage Conservation. Mons. Manoel da Cruz. Baroque.

1. FUNDAÇÃO DO SEMINÁRIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

Em 1745 através da bula *Condor Lucis aeternae*, o Papa Bento XIV funda a Diocese de Mariana e nomeia o Bispo Dom Frei Manoel da Cruz, o qual exercia sua missão na Diocese do Maranhão. Seu episcopado é exemplo da mais nobre missão, um grande marco na história. O bispo assume a Diocese de Mariana imbuído de novas ideias, ao observar que os moradores da

* Artigo Científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação em História da Arte Sacra da Faculdade Dom Luciano Mendes. Prof. Orientador: Dr. Pe. Edvaldo Antônio de Melo; Prof.a Coorientadora: Dra. Patrícia Urias.

** Pós-graduado pela Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM). Bacharelado em Filosofia pelo Instituto Filosófico São José do Seminário Nossa Senhora das Dores, Diocese de Campanha-MG, convalidado pela FAERPI. Graduado em Teologia pelo Instituto Teológico São José (ITSJ), de Mariana-MG.

região das Minas tinham que enviar seus filhos para estudarem no Rio de Janeiro, ele propõe que ali fosse fundado um seminário. Era urgente um educandário que recrutasse jovens ricos e pobres, vocacionados à vida religiosa ou não, a serem educados nos mais nobres ensinamentos intelectuais, civis e religiosos de acordo com os regimentos do Padroado¹.

O Primeiro Bispo de Mariana enfrentou uma longa e sofrida viagem do Maranhão até a região das Minas Gerais. Como era de se esperar, contou com o apoio da Coroa Portuguesa, pois seria uma viagem dispendiosa, ao passo que “O conselho deferiu quatro mil cruzados para a jornada” (SANTOS, 2011 p. 103). De fato, enfrentou um percurso difícil, tanto que essa viagem pode ser caracterizada como a “Odisseia de Dom Frei Manuel da Cruz”² (HOMERO, 2009), pois de tudo ele enfrentou pelo caminho: doenças como febres, mortes, acidentes fluviais, até medo de povos canibais foi atestada em sua jornada. Ao chegar em Mariana, para sua surpresa, tomou conhecimento de que, a sede do novo bispado foi notificada de sua morte por três vezes. “Foram quatorze meses de jornada por terra, em uma travessia de quatro mil quilômetros em áspero sertão e inóspitas condições” (SANTOS, 2011, p. 103).

A criação da nova Diocese na região das Minas e a nomeação de Dom Frei Manoel da Cruz marcou a história de Minas. Mariana não era somente sede do novo bispado, era a primaz de Minas, uma cidade que acabara de nascer. Deste modo, a cidade já passava por melhorias urbanísticas e com a chegada do Bispo, a Câmara Municipal decretou que a cidade fosse bem iluminada conforme os aparatos da época (SANTOS, 2011, p. 105). Convém salientar que Dom Frei Manoel da Cruz, ao chegar em Mariana, ocupou-se não somente com “as obras da Igreja Catedral e suas acomodações, mas interveio na urbanização da cidade, que muitas vezes colidiu com datas minerais e outros interesses particulares” (SANTOS, 2011, p. 106).

¹ Em linhas gerais, o Padroado foi um acordo firmado entre a Igreja e os Reinos de Portugal e Espanha para auxiliarem na evangelização além-mar. Deste modo, “O Padroado do Oriente foi formado durante a constituição do Império temporal do Oriente. Naquele tempo o poder político português recebeu da Cúria Romana e aceitou a obrigação de propagar o cristianismo e assistir religiosamente os habitantes dos territórios abertos à sua expansão política; e ficou encarregado de escolher os missionários indispensáveis para a evangelização e o culto no Império, apresentar os clérigos suficientes para os benefícios eclesiásticos, construir e conservar os lugares religiosos, fornecer os objetos necessários para as cerimônias sagradas e sustentar as pessoas entregues à catequização e ao culto. [...] Ao princípio, a Santa Sé concedeu aos monarcas portugueses o direito de Padroado extensivo à Ásia Oriental, incluindo o Japão e a China, sem atender se esses territórios lhe pertenciam politicamente. Naquele tempo, a Cúria Romana necessitava de confiar a expansão católica nos territórios descobertos ou a descobrir, à Espanha e a Portugal. Além de outras razões, unicamente estes Estados possuíam os meios necessários para os atingirem (ninguém os podia alcançar sem a sua ajuda). [...] O Padroado do Oriente foi formado especialmente sob a influência direta de Sumos Pontífices que, gradualmente, elaboraram e apresentaram documentos (bulas, breves, etc.) explicando os seus direitos e os seus deveres” (MARTINS, 1990, p. 106-108).

² Alusão feita pela Professora Dr^a. Adalgisa Arantes em sala de aula.

Ao tomar posse da Cátedra da Sé da Nova Diocese, Dom Frei Manoel da Cruz coloca seus projetos em ação, tendo como prioridade a fundação do Seminário de Mariana. Um dos primeiros a ser fundado no Brasil e que se mantém em atividade até hoje, mesmo passando por diversas crises que o obrigara a suspender as atividades até por anos.

Evidentemente, a instituição dos Seminários aqui no Brasil tem suas raízes no Concílio de Trento (1545-1563), grande precursor no processo de fundação dos Seminários, ao motivar a *Contrarreforma*, reação da Igreja frente aos ideais protestantes. A Igreja não cede às propostas reformistas, mas reafirma os seus Dogmas e, conseqüentemente, funda os Seminários³, ideia que permanece mesmo após o Concílio Vaticano II (1962-1965). Os Protestantes passaram a investir massivamente na dimensão intelectual, ao passo que a Companhia de Jesus⁴ não ficou para trás: investiram de acordo em missão e educação.

Evidentemente, a escolha da Igreja Católica de levar adiante essa ideia de fundar Seminários foi algo que afetou a linha do tempo e ganhou, de fato, uma proporção cósmica que contemplou a humanidade como um todo. Deste modo, imbuído pelo mesmo Espírito que conduziu a Igreja Tridentina e confiante na missão para a qual fora designado, bem como nos projetos

³ Com o decreto *Cum adolescentium aetas* (15/07/1563), o Concílio obrigava os bispos a estabelecer seminários diocesanos. O Papa Pio IV, deu o primeiro exemplo, fundando em 1564 o seminário romano, cuja direção entregou aos jesuítas. Exemplo seguido logo por seu sobrinho, Carlos Borromeu, bispo de Milão, fundador e defensor dos seminários e propugnador da reforma do clero (TAGLIAVINI, 2007, p. 2).

⁴ A Companhia de Jesus surgiu oficialmente em 03 de setembro de 1539, sob influência de Santo Inácio de Loyola, através de um pronunciamento verbal proferido pelo Papa Paulo III. Ela ascendeu em 1534 com um fogo novo em um mundo em transformação. Iniciou-se uma nova forma de vida religiosa, não por empreendimento humano, mas por iniciativa divina. Tudo começou com uma amizade de três companheiros de quarto que estudavam na universidade de Paris, em 1534. Guiados pelo basco Inigo López de Loyola, conhecido posteriormente como Inácio de Loyola, Pedro Fabro e Francisco Xavier fizeram Exercícios Espirituais. Ainda em 1534, o pequeno grupo era já formado por sete companheiros que tão somente desejavam consagrar inteiramente suas vidas a Deus. Desse modo, no dia 15 de agosto do mesmo ano, em Montmartre (França), fazem votos de pobreza, de serem ordenados padres, exceto, Pedro Fabro, o qual já era presbítero, e de peregrinarem a Jerusalém. Após os estudos de Paris, o grupo de amigos se dispersou com o compromisso e reencontrar-se em Veneza para daí embarcarem em peregrinação a Jerusalém. Nesta cidade, foram ordenados presbíteros a 24 de junho de 1537. Apesar de haverem a bênção e autorização do Papa Paulo III para irem a Terra Santa, não conseguiram partir devido à situação tensa e conflituosa do lugar. Dispersaram-se outra vez comprometendo-se a se apresentarem ao Papa e a se colocarem à sua disposição. Antes, porém, decidiram que a quem lhes perguntasse quem eram, responderiam: somos da Companhia de Jesus. Escolhem o nome que os identificará ao longo da história, mas ainda não se compreendem nem identificará ao longo da história, mas ainda não se compreendem nem se constituem uma congregação religiosa. Em seus corações, segue vivo o desejo de peregrinar à Terra Santa quando, em 1539, o Papa Paulo III, advertiu-lhes: “A Vossa Terra Santa é Jerusalém”. Disponível em: <interativo.jesuítasbrasil.org.br>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

empreendidos para a nova diocese, Dom Frei Manoel da Cruz escreve a Dom João V⁵ solicitando respaldo para o erguimento do Seminário na Capitania das Minas.

Ao dirigir-se para sua nova Diocese “Deixou provido o Padre Malagrida para reitor do Seminário do Maranhão, entregando-lhe os fundos necessários, inclusive o espólio do bispo Delgarte, para prosseguimento e conclusão da obra. Tudo, naturalmente, prejudicado com a superveniência da expulsão” (TRINDADE, 1953, p. 7). Na carta endereçada ao Rei de Portugal, ele demonstra estar esperançoso de contar com o apoio do Missionário Padre Malagrida no Seminário de Mariana. Esta ideia não se concretizou, mas não foi empecilho para implementar a sua ideia na região das Minas.

Dom Frei Manoel da Cruz cumpriu a nobre missão de fundar o Seminário de Mariana. Ocorrido oficialmente aos 20 de dezembro de 1750, conforme destaque na Provisão de Fundação do Seminário (TRINDADE, 1953, p. 11-12), cinco anos após a chegada na sede do seu novo bispado. No entanto, a instituição já estava funcionando desde o mês de agosto do referido ano (TRINDADE, 1953, p. 383).

Recebeu, portanto, do Rei Dom João V o apoio solicitado e de Deus as bênçãos e providências necessárias manifestas através de seus benfeitores. Convém destacar o primeiro e maior benfeitor do Seminário de Mariana, Joaquim Torres Quintanilha⁶, o qual entusiasmou-se com o projeto do bispo, não medindo esforços para que fosse implementado imediatamente. Para tanto, “despoja-se de quase todos os seus haveres em benefício do futuro seminário, para onde [ele] mesmo se transfere pouco depois como um de seus primeiros alunos” (TRINDADE, 1953, p. 9).

⁵ Diz Dom Frei Manoel da Cruz em uma carta destinada ao Rei Dom João V: “Foi V. Majestade servido recomendar-me eficazmente que cuidasse muito em fundar nesta cidade (São Luís do Maranhão) um seminário e que aplicasse para êle o espólio do bispo defunto, meu antecessor, Dom Frei José Delgarte... (2); e como no (bispado) de Mariana é ainda mais precisa a fundação de um seminário pelas grandes despesas que fazem os moradores daquela capitania em mandarem seus filhos aos estudos do Rio de Janeiro e da Bahia, levo grande desejo de fundar também naquela cidade um seminário para o que roguei ao Padre Missionário Gabriel Malagrida para ir fazer Missão naquele bispado... Espero na grande piedade de V. Maj, me não falte com a sua real proteção para estas duas fundações, assim do bispado, como do Seminário... a que não faltarão contradições porque o demônio tem forte aborrecimento a estas e semelhantes obras do serviço de Deus e bem das almas. V. Maj. mandará o que fôr servido. Maranhão – 1747. Fr. Manuel Bispo do Maranhão, eleito de Mariana” (TRINDADE, 1953, p. 7).

⁶ José Torres Quintanilha nasceu na freguesia de São Pedro de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel; era filho de José Furtado e Maria de Tôrres; irmão germano do Padre Manuel de Tôrres, morou cerca de vinte anos na freguesia do Furquim, no território em que por aqueles tempos, se criou a paróquia de Barra Longa. Em 1748, habilitou-se perante o Provisor, Dr. José de Andrade Moraes, de genere, vita et moribus, para a recepção de ordens menores e sacras, tendo falecido com a de leitorado, a 14 de agosto de 1756. E do teor seguinte o registro de seu óbito, encontra-se no livro 5º, a fls. 44, verso do arquivo da sé (TRINDADE, 1953, p. 22).

A caridade empreendida por José Torres Quintanilha exigiu da Igreja apenas os benefícios espirituais, ou seja, o “ônus de três missas por semana a serem celebradas perpetuamente na capela do Seminário e a expensas deste” (TRINDADE, 1953, p. 9). O que foi revogada mais tarde para uma missa anual, celebrada no mês de agosto em intenção de todos os benfeitores do Seminário de Mariana.

Além das doações de Joaquim Torres Quintanilha, o primeiro bispo de Mariana em 1750 dá início a um empreendimento pastoral tendo em vista arrecadar fundos para os arremates finais da implementação de seu projeto “pedindo para o Seminário, aplicando para ele as multas de dispensas matrimoniais, aconselhando legados, etc.” (TRINDADE, 1953, p. 10). Contanto, adquire por valor estimado de doze mil cruzados (Cr\$ 4.800,00), uma morada de chácaras conhecida por chácara da intendência, a qual fora adaptada para as estalagens do Seminário de Mariana⁷.

Dom Frei Manoel da Cruz acreditava na missão dos Jesuítas e contava com o apoio dos mesmos para ajudar na direção dos Seminários, tanto do Maranhão quanto de Mariana. Em carta endereçada ao confessor do rei Dom José I, em 1751, o bispo de Mariana solicita:

pedindolhe fosse servido mandarme trez Padres da Companhia para serem Mestres de Philosophia e Theologia neste Seminario que hando fundando para a mesma Companhia em que actualmente he Mestre de Grammatica etãobem de Moral o Padre Mestre Joze Nogueira Collegio do Rio de Janefro (TRINDADE, 1953, p. 12).

Diante disso, o Cônego Raimundo Trindade conclui que, Dom Frei Manoel da Cruz havia fundado o Seminário de Mariana para a Companhia de Jesus. Ele confia o seminário sob os cuidados dos Jesuítas. Basta observar a parte em que está inscrita em itálico, onde diz “*neste seminário que ando fundando para a mesma companhia*” (TRINDADE, 1753, p. 12). Para tanto, solicita ao Rei que envie religiosos da Companhia de Jesus para gerir e lecionarem Filosofia e Teologia no seminário que acabara de fundar.

A carta endereçada ao Rei Dom José, era um pedido com urgência, pois estava previsto para aquele ano de 1751 o início do curso de Filosofia. Era o anseio de Dom Frei Manoel da Cruz “quando quis ter aqui os Jesuítas já almejava para Mariana lentes competentes de Filosofia e

⁷ À referida chácara assim se refere a respectiva escritura de compra: huma morada de cazas, com sua chácara, que consta de cazas grandes cobertas de telha com suas ortas, banannaes, pasto fechado e mais pertences, e suas terras minerais de que tem cartas de data, sitas nesta Cidade da outra parte da Olaria, as quaes ouve por ttulo de compra que tudo fes a Vicente Ferreira da Silva, Fiscal que foi da Real intendência desta Cidade por Escritura publica (tópico da aludida escritura passada em Mariana, a 11 de Junho de 1749) (TRINDADE, 1953, p. 10).

Teologia” (CARVALHO, 2000, p. 16). Infelizmente, o curso de Filosofia não foi inaugurado de imediato por falta de Mestres.

Convém salientar que o Seminário já estava em atividade, Dom Frei Manoel da Cruz contava com o apoio de seu sobrinho o Padre Mestre José Nogueira, o qual lecionava Gramática e Moral. Em nota, o Cônego Raimundo Trindade informa que “o Pe. José Nogueira chegou a Mariana entre 10 a 13 de fevereiro de 1749” (TRINDADE, 1953, p. 10). Insistia ainda, no envio do Padre Missionário Gabriel Malagrida, conforme já havia solicitado anteriormente ao Dom João V.

A Companhia de Jesus estava com os dias contados, a supressão da mesma ocorre por perseguições de Marquês de Pombal. Deste modo, Dom Frei Manoel da Cruz é intimado a enviar todos os padres missionários da Companhia que estivessem em sua jurisdição, prejudicando assim seus projetos de ter os Jesuítas à frente do Seminário.

É interessante notar que no local onde funcionava o Seminário ainda continua sendo território do saber. Encontra-se nas dependências do antigo Seminário de Mariana, o Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É terreno consagrado para a construção do conhecimento, continua sendo o centro onde forma consciências livres para a arte do pensar em diversas áreas dos saberes. “Raro terá sido em Minas o homem de destaque social que nele não se tenha habilitado para conquista da honrosa posição que desfrutou ou que esteja porventura desfrutando ainda” (TRINDADE, 1953, p. 5).

O Seminário de Mariana exerceu na região das minas a mais nobre missão de iluminar as mentes com as luzes do conhecimento. Conseqüentemente, tais personalidades tornaram-se mentes brilhantes e destaque no âmbito nacional. “O clero mineiro, na sua quase totalidade, aí se formou, o clero, fator mais fecundo e influente da civilização mineira, clero ao qual ninguém em boa fé, ainda adversário da Igreja, ousará negar os mais abnegados serviços em prol do engrandecimento do Estado” (TRINDADE, 1953, p. 5).

2. A CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPELA NO ESTILO ROCOCÓ: INTERVENÇÃO QUE VALORIZOU A ESTRUTURA DO PRÉDIO DO SEMINÁRIO DA BOA MORTE

Ao longo do tempo o prédio passou por alguns reparos com o intuito de valorizar sua estrutura, por comodidade, bem como por medidas de conservação preventiva. Por este viés, convém

destacar uma das intervenções que marcou a história dessa Instituição quase tricentenária: a “construção da nova capela”.

O Seminário estava sob a jurisdição de Dom Frei de Pontével e Dom Frei Cipriano, quando passou pela sua primeira intervenção estrutural. A Capela do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, foi quase inteiramente reconstruída, afirma o Cônego Raymundo Trindade em sua obra *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana* (TRINDADE, 1945, p. 203). Tudo indica que havia uma estrutura anterior, onde aconteciam os momentos de orações. Aproximadamente 32 anos após a sua inauguração, o Seminário de Mariana ganha uma nova capela com toda a beleza estética do estilo Rococó, presente com mais ênfase no ornamento interno da mesma.

Seu ornamento externo possui uma sobriedade imponente, que atrai o olhar, a “sua fachada, adro e escadaria são de José Pereira Arouca [...] As pinturas do teto da capela-mor são de Antônio Martins da Silveira que recebeu pelo seu trabalho rs. 433\$814 (Livro de receita e Despesa, fevereiro de 1782)” (TRINDADE, 1745, p. 203).

Apesar de ser um conjunto arquitetônico, os olhares se voltam atentamente para a capela de Nossa Senhora da Boa Morte, erguida posteriormente, aos moldes da mais requintada arquitetura da época, o estilo Rococó, em alta na Europa e que acabara de chegar ao Brasil. No que diz respeito ao seu aspecto construtivo, convém salientar que a capela foi erguida a base de cal e pedra, diferentemente da outra parte do prédio que compõe tal conjunto arquitetônico⁸.

Há muitos que se perguntam a respeito da diferença entre Barroco e Rococó. Certamente, “são estilos diferenciados e com características próprias” (OLIVEIRA, 2010, p. 91). A assimetria garante a beleza barroca, presente nas imponentes Igrejas de Mariana e Ouro Preto “grandiosas e com retábulos integralmente dourados, produzem sensação de deslumbramento e riqueza, com a mensagem subjacente de manifestação de um poder maior, que passa deste mundo ao

⁸ De acordo com a Coordenadoria de Planejamento e Gestão de Projetos da UFOP, o prédio original do Seminário da Boa Morte foi edificado conforme as normas construtivas da época, sendo assentado sobre embasamento de pedra, em estrutura autônoma de madeira com vedações em pau-a-pique ou adobe. A estrutura do telhado apresenta sistemas diferenciados de armação das tesouras, todos eles tradicionais, havendo a ocorrência de inserção de tesouras modernas em área pontual, quando de intervenção ocorrida na década de 50. Há contrafeitos em todos os blocos do Prédio Principal do Seminário Menor, característica típica de elegância da arquitetura mineira e os telhados apresentam-se em quatro águas nos corpos livres. As fachadas mostram-se de modo geral com boa proporção entre cheios e vazados, com vãos ritmados que garantem sobriedade, embora singelos e sem ornamentos. São esquadrias de verga reta em madeira, com utilização de caixilhos de vidro e folhas almofadadas de madeira. Exceção dá-se à fachada da Capela, mais elaborada e ornamentada. Para ver com mais detalhes, sugerimos conferir o material “Projeto Gabinetes Professores ICHS Memorial Descritivo” (UFOP, 2014).

outro” (OLIVEIRA, 2010 p. 91). Deste modo, convém salientar que o Barroco religioso⁹ tornou-se um veículo de catequização (*propaganda fidei*). Um meio de reafirmar os dogmas Católicos diante da ameaça protestante.

Já o estilo Rococó, apresenta ornamentos mais leves e refinados, diferentemente da opulência encontrada na arquitetura barroca. A sutileza do Rococó desperta “encantamento e bem-estar, em harmonia com Deus e o universo de sua criação” (OLIVEIRA, 2010, p. 91). O Rococó é, de fato, o oposto do Barroco e

Surgiu na França no século XVIII, na época do Iluminismo, sem nenhum tipo de ligação com ideais políticos ou religiosos. Seu enfoque privilegiado situava-se na esfera da vida privada, onde dava voz às novas aspirações de conforto nas decorações civis e no mobiliário da época do rei Luís XV, nome pelo qual o estilo é conhecido em seu país de origem” (OLIVEIRA, 2010, p. 92).

Convém salientar que, o Brasil, mesmo sendo uma colônia ultramar, seus olhos estavam voltados para as novidades do continente europeu, sobretudo na arquitetura. Enquanto na Europa o Rococó já estava em alta, no Brasil ainda vigorava o Barroco. As diferenças entre o Barroco e Rococó são evidentes e estão para além dos estilos empregados na arte e na arquitetura. Há também um contraposto no gênero literário, apesar de adentrar nos ambientes religiosos pela arte, tornou-se uma ameaça no campo literário provocando disputas filosóficas e teológicas. É fruto do ideal iluminista que ameaçou a Igreja até as suas bases, e gerou grandes mudanças no âmbito social. Como é de se notar as mudanças na arte e na arquitetura, conforme supracitado.

Basta analisar o aparato externo das igrejas de Mariana e Ouro Preto, imediatamente será possível discernir a qual estilo se encaixa. No que diz respeito ao estilo Rococó, observa-se “A tipologia das plantas curvilíneas inclui ainda em Ouro Preto as igrejas de São Francisco de Assis, com torres circulares ligadas ao frontispício por segmentos curvos, e a Nossa Senhora do Carmo, com torres arredondadas e fachada sinuosa” (OLIVEIRA, 2010, p. 108).

Por este viés, destaca-se o objeto de estudo desta pesquisa, a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, que em sua fachada praticamente foge do que é padrão no Barroco. Evoca uma imponência, mas com um requinte mais sóbrio. O seu frontispício é ornado por segmentos

⁹ Elaborado em Roma na primeira metade do século XVII, no âmbito da contrarreforma Católica, o barroco religioso serviu como arte de propaganda para a reafirmação simultânea da veracidade do dogma cristão e do poder do Catolicismo, tanto na Europa quanto nas outras partes do mundo para onde fora levado pela ação missionária (OLIVEIRA, 2010, p. 91-92).

curvilíneos. Mas, o que, de fato, chama a atenção são os ornamentos internos. Há indícios de que o conjunto de talhas do altar desta capela é fruto do trabalho do entalhador bracarense Francisco Vieira Servas, o qual imprimiu nas Igrejas de Mariana e Ouro Preto o mais antigo conjunto de talha rococó que pode ser visto na igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Mariana, datado do período 1770 a 1775 (OLIVEIRA, 2010, p. 109).

Percebe-se que, em Mariana “o modelo voltou a ser utilizado em quatro retábulos laterais, o mais antigo situado na nave da Catedral de Mariana, anterior ao conjunto do Rosário e os outros na Capela do Seminário Menor e Igreja de Nossa Senhora dos Anjos” (OLIVEIRA, 2010, p. 109).

A Capela da Boa Morte possui um ambiente cenográfico encantador, com o seu teto abobadado em tabuado, remete ao estilo Rococó mineiro. Dentre as cinco capelas que possuem em seu teto uma pintura ilusionista está a Capela do Seminário da Boa Morte

Pintada por Antônio Martins da Silveira em 1782. A composição baseia-se em quatro possantes pilastras unidas por arcadas da parte central, com a representação da Virgem sendo elevada aos céus em revoada de anjos e querubins. Nas laterais da abóbada corre uma elegante balaustrada decorada com vasos de flores (OLIVEIRA, 2010, p. 112).

Evidentemente, ao longo dos anos o conjunto arquitetônico passou por várias intervenções com o intuito de conservar e melhorar a sua estrutura que dialoga com a arquitetura contemporânea. Além dos detalhes da construção da nova capela, e das demais intervenções feitas ao longo do tempo, convém destacar a que ocorreu na década de 1980, a qual socorreu este Patrimônio Nacional.

Algumas partes estavam em bom estado de conservação, mas outras encontravam-se em situações deploráveis, necessitando urgentemente de uma intervenção. Deste modo, esse processo de restauração e adaptação ficou sob responsabilidade da arquiteta Maria Carmen Perilo, sendo acompanhadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA) e pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)¹⁰. Estas adaptações ocorreram com o intuito de instalar no mesmo terreno

¹⁰ UFOP. UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. *Projeto Gabinetes Professores ICHS*: memorial descritivo. Ouro Preto, dez. 2014. Disponível em: <https://csu.dof.ufop.br/sites/default/files/csu/files/anexo_xii_cadernos_de_especificacoes_conv_002.pdf?m=1490795925>. Acesso em: 15 jul. 2021.

um campus da UFOP, gerou um contrato de comodato entre a Arquidiocese de Mariana e o Estado, assunto que não será aprofundado neste trabalho.

3. O PORQUÊ DA CONSERVAÇÃO PATRIMONIAL?

Evidentemente, o antigo prédio do Seminário de Mariana é uma riqueza patrimonial. Conservá-lo é promover a cultura, é respeitar a história de um povo que acredita no trabalho da Igreja. Conservar é possibilitar que as gerações futuras também possam experimentar esse deleite espiritual: ver, tocar e adentrar nesse compartimento que resiste ao tempo, compõe e ilustra a história.

De acordo com a Coordenadoria de Planejamento e Gestão de Projetos da UFOP, o imóvel do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte foi

Tombado individualmente pelo IPHAN, Processo 0410-T-49, Livro de Belas Artes, inscrição nº. 337 de 06/12/1949, além de estar inserido no Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Mariana, que é tombado pelo Processo 069-T-38, Livro de Belas Artes vol. 1, inscrição nº. 062, folha nº. 12, em 14/05/1938, delimitado pelo perímetro instituído pela Portaria do IPHAN nº.066/2009¹¹.

A arte empregada em cada detalhe do aparato externo e interno é algo que vai muito além da física. Contemplar a sua beleza, de fato, provoca um deleite na alma. Além disso, desperta curiosidade a respeito de sua história. Sem nenhuma pretensão de anacronismo, convém citar Cláudio Pastro, artista contemporâneo que em sua obra “O Deus da Beleza” toma por base o pensamento de Michelangelo para dizer que “A beleza é a purificação do supérfluo” (PASTRO, 2012, p. 11). É certo que a beleza desperta na alma humana o deleite estético é uma experiência metafísica, ou seja, “A beleza não é um produto do ser humano; está tão acima dele! Ela o atrai, o seduz e, assim, o ser humano não vive sem ela.” (PASTRO, 2012, p. 13).

No que diz respeito aos aspectos funcionais e representativos, convém salientar que, o antigo prédio que era sede do Seminário de Mariana (Seminário da Boa Morte), se impõe para a contemporaneidade, devido a sua estrutura e ao seu peso histórico. Para a sociedade marianense do século XVIII, o prédio era uma obra de grande vulto, devido a sua imponência, ao seu valor

¹¹ IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Lista dos Bens Culturais Inscritos nos Livros do Tombo (1983-2012)*. Rio de Janeiro, fev. 2013. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/guia%20de%20bens%20tombados%20atualizado%20em%202012.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

estético e moral. Uma obra de suma importância para a comunidade local e toda a Capitania das Minas.

CONCLUSÃO

Três tópicos foram fundamentais para o desenvolvimento dessa temática: a princípio, sobre a *Fundação do Seminário de Mariana (Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte)*, que se deu através da Bula Papal *Condor Lucis Aeterna* de Bento XIV, tendo como seu fundador o Primeiro Bispo de Mariana, Dom Frei Manoel da Cruz. Em segunda instância, discorre-se a respeito da construção da nova capela no estilo Rococó: intervenção que valorizou a estrutura do prédio do Seminário da Boa Morte. Por fim, compreende-se a importância da conservação patrimonial que tem o objetivo de promover a cultura e respeitar a história de um povo.

Diante dessa abordagem, pode-se bem dizer que Dom Frei Manoel da Cruz foi uma pessoa muito à frente do seu tempo. Suas ideias, bem como seus anseios de que o Seminário de Mariana fosse um celeiro de vocações lapidadas por “mestres abalizados” (CARVALHO, 2000, p. 16), prosperaram. São mais de 270 anos de história, formando consciências. Diante disso, enfatizo as palavras do Cônego Geraldo Vidigal, proferidas por ocasião dos 250 anos desta Instituição, ao passo que, mais uma vez “podemos imaginar o Seminário numa atitude histórico-filosófica como um personagem pensativo a se perguntar: ‘valeu a pena esta trajetória já tão longa?’ ‘quem fui? Quem sou? Quem serei?’” (CARVALHO, 2000, p. 8).

Evidentemente, o Seminário de Mariana tornou-se um patrimônio físico e imaterial, foi pilar da construção da cultura deste estado, conseqüentemente, contribuiu para o bem desta nação. Olhar para tal monumento causa uma sensação de estranhamento, de nostalgia, uma sensação de contato com um tempo em que você não viveu.

Por este viés, um questionamento torna-se pertinente: Porque o prédio da antiga sede do Seminário de Mariana tornou-se um patrimônio tombado? É certo que ocorreram várias manutenções ao longo dos anos, sempre buscando conservar a sua característica original. O seu peso histórico, sede da primeira Instituição de Ensino do Estado de Minas Gerais, formando sacerdotes para a Igreja e grandes personalidades para a nação. Ao formar bons cidadãos, tornou-se grande influência no aspecto cultural e político. Este patrimônio é um ícone

arquitetônico no perímetro urbano em Mariana, que às vezes passa despercebido pelos seus moradores.

Convém salientar que os resultados desta pesquisa são frutos de um trabalho idealizado no “Projeto Memória” e que se estende como objeto de pesquisa do Curso de Pós-Graduação em História da Arte Sacra. Deste modo, percorreu um trajeto histórico do Seminário de Mariana e da importância de sua conservação patrimonial para a comunidade marianense, para Minas Gerais, bem como para história do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Cônego José Geraldo Vidigal de. *Significado dos 250 anos do Seminário de Mariana*. Viçosa-MG: Editora Folha de Viçosa, 2000.

COMPANHIA DE JESUS/LINHA DO TEMPO. Disponível em: <interativo.jesuitasbrasil.org.br> Acesso em 20 de agosto de 2022.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução: Manoel Odorico Mendes (1799-1864). São Paulo: Atena Editora, 2009. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/odisseiapdf>. Acesso em: 3 ago. 2021.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Lista dos Bens Culturais Inscritos nos Livros do Tombo (1983-2012)*. Rio de Janeiro, fev. 2013. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/guia%20de%20bens%20tombados%20atualizado%20em%202012.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

MARTINS, Manoel Gonçalves. O Padroado Português do Oriente e os factores exógenos. Instituto de Defesa Nacional, Janeiro-Março 1990. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.26/2705>> Acesso em: 20 de ago. 2022.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas Igrejas de Ouro Preto e Mariana*. Brasília-DF: Iphan/Programa Monumenta, 2010.

PASTRO, Cláudio. *O Deus da beleza: a educação através da beleza*. São Paulo-SP: Paulinas, 2012.

SANTOS, Patrícia Ferreira dos. *Poder e Palavra: discursos, contendas e direito de padroado em Mariana (1748-1764)*. São Paulo-SP: Hucitec: Fapesp, 2011.

SELINGARDI, Sérgio Cristóvão. *Educação Religiosa, disciplina e poder na terra do ouro: a história do seminário de Mariana, entre 1750 e 1850*. São Carlos-SC: 2007, 205 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2431/1619.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 1 ago. 2021.

TAGLIAVINI, João V. *Seminários Tridentinos no Brasil: Escolas para a formação do clero*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.26, p.39 –63, jun. 2007. Disponível em: <https://fe-old.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4983/art03_26.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2021.

TRINDADE, Raimundo. *Arquidiocese de Mariana. Subsídios para sua história*. Belo Horizonte. Imprensa Oficial, 1953, v. 1, p. 94. (Bula de Bento XIV, referente a eleição e confirmação de D. Frei Manuel da Cruz como bispo da Nova Diocese de Mariana - 1745).

_____. *Archidiocese de Mariana: Subsídios para a sua história. Vol. II*. São Paulo-SP, Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1929.

_____. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Instituto de Educação e Saúde, 1945.

UFOP. UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. *Projeto Gabinetes Professores ICHS: memorial descritivo*. Ouro Preto, dez. 2014. Disponível em: <https://csu.dof.ufop.br/sites/default/files/csu/files/anexo_xii_cadernos_de_especificacoes_cnv_002.pdf?m=1490795925>. Acesso em: 15 jul. 2021.